

Medidas para desaquecer a economia

22 ABR 1986

GAZETA MERCANTIL

Brasil

O governo está preocupado com o superaquecimento da economia. O crescimento do déficit público, o desempenho do comércio e a surpreendente demanda por crédito ao consumidor — que, segundo empresários que participaram da reunião-almoço da Associação dos Diretores de Empresas de Crédito, Investimento e Financiamento (ADECIF), na semana passada, vem superando até mesmo o "pico alcançado em dezembro" — são fortes indicadores desse aumento de demanda, que pode trazer de volta as pressões inflacionárias.

Por essa razão, conforme afirmou sexta-feira, no Rio, o diretor da Dívida Pública do Banco Central, André Lara Resende, o governo já está estudando medidas para arrefecer esse ímpeto de crescimento. Uma delas seria o corte de investimentos estatais, preservando, contudo, os programas na área social. "Haverá cortes em alguns programas de investimento e dilatação dos cronogramas em outros", afirmou Lara Resende.

A contenção de gastos estatais também poderá ser



André Lara Resende

obtida mediante ajustes no excesso de pessoal, para reduzir a ineficiência da administração direta e indireta, informou o secretário especial de coordenação econômica da Seplan, Péricio Arida.

A contenção de gastos do governo assume uma importância ainda maior diante da incerteza sobre os resultados do caixa do Tesouro nos próximos meses. Em março, a diferença

entre despesas e receitas gerou um déficit de CZ\$ 12,5 bilhões. Embora esse mês, sazonalmente, registre queda de receita, os técnicos do governo estimam que em abril a arrecadação ainda deverá ser menor que a de março, pois no último mês a economia, ainda sob o impacto do anúncio do Plano Cruzado, teve um comportamento atípico, com muitas operações do comércio e da indústria paralisadas pela discussão dos deflatores de preços.

Mas as medidas do governo não deverão restringir-se à área estatal. Outra alternativa que está sendo cogitada é a "flexibilização" das importações, particularmente naqueles setores dominados por oligopólios ou que têm grande influência sobre o mercado, como é o caso da indústria têxtil. Ao enfrentar a concorrência dos produtos importados, os preços internos tenderiam a cair.

A grande liquidez na economia deverá ser enxugada. Segundo Lara Resende, uma das formas para se alcançar esse objetivo seria forçar as empresas que estão extremamente capitalizadas a orientar seus investimentos para prazos mais longos.

A demanda por financiamentos nos últimos dias começou a voltar a níveis normais, junto aos grandes conglomerados. Entretanto, as financeiras independentes continuam convivendo com uma forte pressão tomadora de dinheiro. Algumas dessas instituições, em São Paulo, registraram aumentos de operações de financiamentos de até 30% em abril para crédito pessoal e aquisição de bens.

Diante desse quadro, o governo não pretende no curto prazo reduzir ainda mais as taxas de juros. "Deve-se frisar, contudo, que juros reais de 16% ao ano representam na prática bem menos que correção monetária e juros reais de 16% ao ano, como ocorria antes, disse Lara Resende.